

## ARTE E ESPACIALIDADE NAS CIDADES COLONIAS ESPANHOLAS (1554-1632) E NAS MISSÕES JESUÍTICAS DO GUAIRÁ (1610-1631)

**Dra. Claudia Inês Parellada**  
Museu Paranaense

### **Resumo:**

Na Província del Guairá, atual território paranaense, sul do Brasil, foram fundadas três cidades espanholas, entre 1554 e 1589, e quinze missões jesuíticas, entre 1610 e 1628, que concentraram indígenas, sendo a maioria Guarani. No estudo apresentam-se as manifestações estéticas representativas deste período, além da dinâmica dos processos de ocupação, inclusive em relação à distribuição espacial das ruínas. Discutem-se as tecnologias empregadas, além das possíveis estratégias de gestão e conservação.

**Palavras-chave:** Arqueologia do Paraná, Colonização espanhola, Missões jesuíticas

### **Abstract:**

In the Province of Guaira, current State of Paraná, South of Brazil, three Spanish cities were founded between 1554 and 1589, and fifteen Jesuit missions between 1610 and 1628. These places had concentrated indigenous peoples, mostly Guarani. The study presents the aesthetic manifestations representative of this period, in addition to the dynamics of the occupation, including the spatial distribution of the ruins. The technologies used, and the possible strategies for management and conservation are also discussed.

**Keywords:** Paraná's archaeology, Spanish colonization, Jesuitic missions

### ***Resumo estendido:***

O período da ocupação espanhola e da primeira fase das missões jesuíticas tem sido tema de várias pesquisas arqueológicas do Museu Paranaense, instituição fundada em Curitiba em 1876, e que possui um rico acervo relacionado. No presente estudo apontam-se alguns resultados dos trabalhos que se desenvolvem até o presente momento, inclusive decorrentes de novos levantamentos em campo, além de uma profunda revisão bibliográfica.

Afinal, existe uma extensa documentação em relatórios de presidentes da Província, cartas, ofícios, mapas, aquarelas, ilustrações, depositados em diversos locais, alvos da análise na referida pesquisa, tais como, em Curitiba: Arquivo Público do Paraná, Bibliotecas Pública e do Museu Paranaense/ Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, no Rio de Janeiro: na Biblioteca Nacional e em Brasília: Biblioteca e Mapoteca do Itamarati, entre outros.

Além disso, nos últimos vinte anos houve um levantamento sistemático e comparativo das várias pesquisas arqueológicas ocorridas nas áreas das cidades coloniais espanholas de Ciudad Real e Villa Rica del Espiritu Santo (primeira e segunda fundações), bem como de várias missões de Loreto e San Ignacio Mini, e sistematizadas as evidências existentes no Museu Paranaense, resultados de prospecções e escavações de diferentes arqueólogos, como Blasi (1966), Chmyz (1976), Parellada (1995, 1997), entre muitos outros.

Foram analisadas fotografias aéreas da região em escala 1:25.000, dos vôos de 1952 e 1980, e de 1:70.000, no de 1963, do Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Paraná, que permitiram compreender a dinâmica dos processos de ocupação, inclusive em relação a distribuição espacial das

ruínas das construções em taipa de pilão da ocupação colonial espanhola e das missões jesuíticas. Imagens de satélite, algumas atualizadas e disponíveis pelo *Google Maps*, foram e continuam sendo de extrema importância para a análise e o monitoramento desses sítios arqueológicos.

Ainda no estudo analisaram-se as malhas urbanas das cidades coloniais espanholas e das missões do Guairá, sendo que a linguagem visual se articula com a simbologia jesuíta, a mitologia Guarani, o cotidiano das missões, a alfabetização e a experimentação de motivos decorativos, discutindo-se as tecnologias construtivas além de aspectos da arte missioneira.

Buscou-se a identificação de ações de educação patrimonial já realizadas por diferentes instituições, públicas e privadas, inclusive prefeituras e universidades, bem com a legislação pertinente e as problemáticas, analisando estratégias de gestão e conservação.

Utilizou-se o enfoque da arqueologia pós-processual, com as leituras contribuem para o presente através de uma análise crítica do passado, conforme discussões em Hodder (1988). A definição de conceitos teóricos é fundamental para analisar os dados recuperados, objetivando buscar a compreensão do uso do espaço, da duração da ocupação do sítio arqueológico, da morfologia das áreas, e das relações com a cultura material. Pesquisas anteriores nesta região evidenciaram a importância deste patrimônio, então para o estudo foi realizada uma síntese de dados, através de análise bibliográfica referente à arqueologia, etno-história e história, além da utilização de informações relativas ao Centro Nacional de Arqueologia/ IPHAN e ao Museu Paranaense, além das obtidas em campo. A maioria do material analisado faz parte do acervo do Museu Paranaense.

Desenvolveram-se atividades de educação patrimonial, como as entrevistas com a população local dos municípios envolvidos, e a entrega de publicações didáticas sobre a história e a arqueologia paranaense. A maioria dos entrevistados afirmou já ter visualizado materiais arqueológicos, como lâminas de machado e cerâmica, em áreas de plantações agrícolas.

O Tratado de Tordesilhas, celebrado entre Portugal e Espanha em 1494, colocava o atual território paranaense, sul do Brasil, a oeste de Paranaguá, como sendo espanhol. Havia discussões sobre onde estaria situada a linha imaginária do meridiano de Tordesilhas, assim para os espanhóis ficaria na baía de Paranaguá e para os portugueses na altura de Laguna, atual Santa Catarina.

A região, chamada Guairá, era povoada principalmente por povos Guarani e Jê, que tiveram contato com viajantes europeus, como Aleixo Garcia em 1524 e Cabeza de Vaca em 1542, comandantes de expedições que saíam do litoral atlântico e pretendiam chegar ao Paraguai. O Guairá tinha como limites ao norte o rio Paranapanema, ao sul o Iguazu, a oeste o rio Paraná e a leste as serras de *Guarayú*. Muitos conquistadores usavam uma rede de caminhos indígenas, o *Peabiru*, sendo que o ramal partia da costa atlântica, atravessava o Paraná, depois o Paraguai e chegava ao Oceano Pacífico. Em 1554, a mando de Irala o capitão Vergara fundou a primeira vila do Guairá: *Ontiveros*, às margens do rio Paraná, uma légua acima do grande salto, e que teve curta duração, de 1554 a 1556. Em 1556, Irala resolveu fundar uma segunda comunidade, e assim enviou o capitão Ruy Diaz de Melgarejo, que na foz do Piquiri no Paraná ergueu *Ciudad Real del Guairá*, em 1557. Ali, segundo Guzman (1612),

foram transferidos os poucos habitantes que ainda restavam em *Ontiveros*, que com isto desapareceu. Em Ciudad Real havia uma pequena fábrica de tecidos, além do comércio da erva-mate e do plantio e processamento da cana de açúcar, pois na região houve o registro de sinos em cerâmica.

Em fevereiro de 1570, o capitão Melgarejo fundou *Villa Rica del Espiritu Santo*, a 60 léguas de *Ciudad Real*, em terras do líder Guarani Coraciberá. Lá mandou erigir uma igreja e ao lado uma cruz, ordenando também a construção de uma fortaleza. Assim, depois de traçar a estrutura urbana, o capitão repartiu entre os espanhóis *solares* (terrenos) para a construção de casas dentro da vila e terras para chácaras, além de índios para serviços domésticos e trabalhos agrícolas. Blasi et al. (1989) apontam que a primeira fundação, depois chamada *Tambo* das Minas de Ferro, está localizada no município de Nova Cantu, conforme tabela 1.

Em 1589, devido a uma grande epidemia de varíola, que causou muitas mortes entre índios e espanhóis, o capitão Guzman determinou a transferência de Villa Rica para junto a confluência do Corumbataí no Ivaí. As cidades coloniais espanholas do final do século XVI, como a segunda fundação de Villa Rica del Espiritu Santo, eram baseadas no modelo codificado na lei de 1573 de Felipe II, considerada a primeira lei urbanística da Idade Moderna. Este modelo, segundo Benévolo (1978), seria um "enxadrezado de ruas retilíneas", que definiam uma série de quadras iguais, quase sempre quadradas, sendo que no centro da cidade ficava a praça. Ainda esta lei ressaltava que os terrenos ao redor da praça não deveriam ser concedidos a particulares, mas sim reservados à Igreja, aos edifícios reais e municipais, às lojas e casas de mercadores, que seriam construídos por primeiro. Nas missões jesuíticas existiam também regras, porém algumas quadras acabavam ficando inclinadas, pois existiam declives no terreno que dificultavam os traçados sempre em ângulos retos.

A área urbana da segunda fundação de Villa Rica tinha cerca de 300.000 m<sup>2</sup>, possuindo ruas com 10 a 12m de largura, que se cruzavam em ângulos retos. A maioria das quadras media 100x 100m, sendo cercadas por muros em taipa de pilão, com altura de 1,80m e largura variando de 0,60 a 0,90m (PARELLADA, 1995, 1997). Dentro das quadras havia divisões internas, delimitando terrenos, e no interior se encontram vestígios de casas em taipa de pilão, além de buracos ovalados. Estes buracos foram causados pela extração da matéria-prima para a taipa de pilão, e depois usados para diferentes fins, alguns podem ter sido habitação de indígenas que morava na cidade.

A principal atividade econômica era a extração da erva-mate, que concorria com os ervaais da serra do Maracaju, sendo a retirada e transporte da planta tarefas dos indígenas através do sistema de *encomiendas*. Em Villa Rica e outras cidades coloniais distantes dos grandes centros econômicos da época, devido à dificuldade de obtenção de bens e a disponibilidade de mão-de-obra indígena, a maioria dos materiais de uso cotidiano tinha que ser produzido no próprio local. Os povos Guarani tradicionalmente confeccionavam vasilhas cerâmicas, onde se destacava a forma carenada e alguns tipos de decorações, como a pintura vermelha e preta sobre engobo branco, além dos recipientes escovados, corrugados e unglados. Os espanhóis, que na Europa já usavam louça, faiança e utensílios

em metal, tinham utensílios com formas diferenciadas dos Guarani; tais como os pratos rasos e fundos, sopeiras, tigelas com alças e asas (PARELLADA, 1995, 1997).

Tabela 1 – Localização atual de parte dos sítios arqueológicos relativos às cidades coloniais espanholas (1554-1632) e missões jesuíticas do Guairá (1610 – 1631).

Nº	SÍTIO ARQUEOLÓGICO	COORD. UTM/ SAD 69	MUNICÍPIO PARANÁ	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
1	<i>Ciudad Real del Guairá</i> (1554-1632)	7.338.410 185.520	Terra Roxa	Guzman (1612), Watson (1947), Chmyz (1976)
2	Primeira fundação <i>Villa Rica del Espiritu Santo</i> (1570-1589), Tambo das Minas de Ferro	7.272.411 348.919	Nova Cantu	Blasi et al (1989), Parellada (2009)
3	Segunda fundação <i>Villa Rica del Espiritu Santo</i> (1589-1632)	7.355.400 404.100	Fênix	Blasi (1963), Parellada (1995, 1997)
4	Missão Jesuítica <i>N. Sra. Loreto</i>	7.506.680 394.270	Itaguajé	Blasi (1966), Parellada (2009)
5	Missão Jesuítica <i>San Ignacio Mini</i> (1610-1631)	7.496.740 413.800	Santo Inácio	Blasi (1966), Chmyz (1976)
6	Missão Jesuítica <i>San Francisco Javier</i> , a segunda fundação	7.430.250 503.000	Ibiporã	Parellada et al. (1996)
7	Missão Jesuítica <i>San Joseph</i> , a segunda fundação	7.444.505 467.460	Cambé	Blasi & Gaissler(1991), Parellada (1997)
8	Missão Jesuítica <i>San Pablo del Iniaí</i>	7.357.150 414.670	São Pedro do Ivaí	Parellada & Maranhão(1996)

No Guairá havia muitos indígenas convivendo com espanhóis, assim os estudos arqueológicos permitem observar que a maioria da cerâmica era confeccionada pelos índios Guarani, apesar de muitos artefatos mostrarem influência européia como, por exemplo, os motivos florais, as incisões com detalhes barrocos e a associação de vários tipos de decoração, tais como pintura e incisão. As formas e os padrões decorativos diferenciados dos vasilhames cerâmicos dos índios Guarani e dos espanhóis, e até mesmo os hábitos alimentares, também manifestam diferenças étnicas. O conhecimento de novas línguas e a possibilidade de diálogo entre povos diferentes permitiu amplas trocas de informações, desde mitos e histórias, até o uso de armas de fogo pelos índios, e dos indígenas pelos europeus.

Cardozo (1970) observa que os encomendeiros espanhóis possuíam em suas repartições núcleos de nativos (*pueblos*) ou reduções naturais, dirigidas por clérigos. Nas imediações de Villa Rica havia Itacuru, Santa Ana, Itupá, Tambo e Cunhanguirá. Estes *pueblos*, nos quais eram reunidos os índios, distribuíam-se pelo Guairá, localizando-se às margens dos rios Ivaí, Corumbataí, Piquiri e Tibagi. As distâncias e a viagem entre Assunção e o Guairá eram longas e penosas, e os jesuítas tinham que atender também as cidades guairenhas, fazendo com que os padres Mascetta e Cataldino, que partiram em 1609, fundassem em 1610, no vale do Paranapanema, primeiro a missão de *Nuestra Señora de Loreto* e depois *San Ignacio Mini*, nas proximidades. A maior parte das missões foi criada com índios

Guarani, apenas quatro tiveram povos da família linguística Jê, que são as de *Santo Antonio* e *San Miguel*, fundadas com *Camperos*, e as de *Concepción de Nuestra Señora de Guañaños* e *San Pedro* com *Gualachos* (MCA I, 1951). Nos documentos do início do século XVII descrevem-se estruturas subterrâneas, e diferenças linguísticas e culturais entre esses grupos e os Guarani.

Na Província del Guairá, atual território paranaense, sul do Brasil, foram criadas quinze missões jesuíticas, entre 1610 e 1628, sendo as primeiras *Nuestra Señora de Loreto del Pirapó* e *San Ignacio Mini*, no vale do rio Paranapanema, que concentraram mais indígenas, sendo a maioria Guarani, e consideradas as maiores em dimensões da região.

A evangelização dos índios era feita com auxílio de livros ricos em imagens, que mostravam a vida de Jesus Cristo: infância, vida pública, além da Paixão e Ressurreição. Um deles era o *Evangelicae Historiae Imagines* do padre jesuíta Jerome Nadal (1507-1580), impresso em 1593, e posteriormente editado em 1594 e 1595, agora com o nome *Adnotationes et meditationes in Evangelia*, com gravuras de Bernardino Passeri, Maten de Vos, além de Jerome e Anton Wierix (MAC DONNELL, 1998). Os jesuítas usavam algumas publicações como inspiração de modelos para esculturas, componentes arquitetônicos e pinturas usadas no interior de igrejas, colégios e estandartes na chegada as aldeias. Em Loreto houve uma escola de Belas Artes, e as igrejas de Loreto do Pirapó e San Ignacio Mini foram reconhecidas pela estética e riqueza de detalhes (MONTROYA, [1639] 1985). Em 1617, na missão de San Ignacio Mini havia 850 famílias Guarani, sendo que 500 crianças estudavam no colégio, situado ao lado da igreja (TECHO [1673] 2005). Nessa época estavam cerca de 8.000 indígenas morando em San Ignacio Mini e Nuestra Señora de Loreto, com muitas construções em taipa de pilão, além de áreas de plantações agrícolas, e criação de animais domésticos (MCA I, 1951). Uma das manifestações estéticas representativas deste período são as telhas desenhadas de Loreto do Pirapó e San Ignacio Mini, seja por incisões ou através de prensagem de objetos ou moldes, descritas e discutidas neste trabalho (PARELLADA, 2011).

As missões jesuíticas sofriam ataques constantes de expedições paulistas, que vinham capturar índios, e em 1631 aconteceu a investida final às áreas do Paranapanema. Em 1632, houve também a destruição das cidades coloniais espanholas, sendo que a região foi só efetivamente ocupada no final do século XIX, com a criação de colônias indígenas pelo Governo Imperial do Brasil junto às áreas das ruínas de Loreto e San Ignacio, e fortificações nos locais outrora ocupados por Ciudad Real e a segunda fundação de Villa Rica.

As ruínas de *Ciudad Real* foram tombadas pelo Conselho do Patrimônio Histórico do Estado do Paraná em 2007, situando-se no município de Terra Roxa.

Os vestígios da segunda fundação de Villa Rica estão contidos no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, situado a dois quilômetros da cidade de Fênix, sede do município de mesmo nome, no centro-norte do Estado do Paraná. O parque é gerenciado pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP-PR). No Parque Estadual foi criado um Museu em 1990, onde estão expostos vestígios e informações sobre a ocupação histórica da região, além de dados sobre o meio-ambiente, que vem sensibilizando

a população local e os visitantes que percorrem a área, e comunicando novos conhecimentos que possibilitam a transformação desses visitantes em agentes de proteção do patrimônio histórico. A preservação de sítios arqueológicos, bens da União, é urgente e necessária, pois a memória brasileira vem sendo impactada diariamente, e a arqueologia traz dados importantes na recuperação desta memória coletiva. Somente com a ampliação da educação patrimonial é que poderemos contar com o auxílio da população na proteção de suas próprias raízes e no resgate desta herança que é de todos: o patrimônio natural e histórico.

### **Referências bibliográficas:**

- BENÉVOLO, L. **Diseño de la ciudad- 4/ El arte y la ciudad del siglo XV a XVIII**. México: Ediciones G. Gilli S.A., 1978
- BLASI, O. Investigações arqueol. nas ruínas da redução jesuítica de Santo Inácio Mini, PR, Brasil, nota prévia". In: **Anais 36 Congr. Int. Americanistas**, v.1, p.473-480, Sevilha, 1966.
- BLASI, O. & GAISSLER, M. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia. **Arquivos do Museu Histórico de Cambé, Publicações Avulsas**, Nota Prévia, Arqueologia, 10p. 1991
- BLASI, O.; PASTINA Fº, J.; PONTES Fº, A. Primeiras notícias sobre a descoberta dos vestígios do provável assentamento do Tambo das minas de ferro na antiga província do Guairá. **Estudos Ibero-Americanos**, v.15, p.235-244, 1989.
- CHMYZ, I. Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real de Guairá. **Cadernos de Arqueologia**, Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá. v.1, p. 7-103, 1976.
- GUZMAN, R.D. **Anais do descobrimento, povoação e conquista do Rio de La Plata**. Doc. oficiais, Governo de Mato Grosso do Sul, 1612 (2009).
- HODDER, I. **Interpretación en arqueología: corrientes actuales**. 1ed.Barcelona: Editorial Critica, 1988.
- MCA I MANUSCRITOS DA COLEÇÃO DE ANGELIS I. **Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. Introdução por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.
- MAC DONNELL, J.F. **Gospel Illustrations**: a reproduction of the 153 Images taken from Jerome Nadal's 1595 book "ADNOTATIONES ET MEDITATIONES IN EVANGELIA". Fairfield, CT: Fairfield Jesuit Community, 1998.
- MONTOYA, A.R. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraná, Paraguai, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1985.
- PARELLADA, C.I. Análise da malha urbana de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632)/ Fênix – PR. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, São Paulo, v.5, p. 51-61, 1995.
- PARELLADA, C.I. **Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632)/ Fênix- PR**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.
- PARELLADA, C.I. Paraná espanhol; cidades e missões jesuíticas no Guairá. In: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ. **Missões: conquistando almas e territórios**. Curitiba: Secretaria Estado Cultura do Paraná, p.59-79, 2009.
- PARELLADA, C. I. . Resistência e mudança Guarani: a linguagem visual nas missões jesuíticas do Guairá (1610-1631). In: **Anais da IX Reunião de Antropologia do Mercosul**, 2011, Curitiba. IX RAM: Culturas, encontros e desigualdades. Curitiba, 2011.

- PARELLADA, C.I. & MARANHÃO, M.F.C. Pesquisas arqueológicas na redução jesuítica de San Pablo del Iniaí/ Província del Guairá. **Boletim de Resumos das VI Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas**, Mal. Cândido Rondon, 1996..
- PARELLADA, C.I. et al. **Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes**. Curitiba: Provoapar Ação Social, 2006.
- TECHO, N. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus**, 1673. Asunción: CEPAG, 741 p. 2005.
- WATSON, V.D. Ciudad Real: A Guarani-Spanish site on the alto Paraná river. **American Antiquity**, v.13(2), p.163-176, 1947.